



ANÁLISE DO SUFIXO AVALIATIVO DIMINUTIVO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO A PARTIR DE CORPUS ELETRÔNICO

ANALYSIS OF THE EVALUATIVE DIMINUTIVE SUFFIX IN BRAZILIAN
PORTUGUESE FROM ELETRONIC CORPUS

DOI: <https://doi.org/10.55847/enlaces.v1i1.697>

Carlos Gustavo Camillo Pereira*

RESUMO: Este trabalho investiga as acepções do sufixo *inho* em bases substantivas no português brasileiro a partir de uma perspectiva que enfatiza a importância da língua em uso. Inicialmente, apresentam-se as contribuições das principais gramáticas tradicionais para o assunto. Subsequentemente, é exposto o fundamento teórico, que se baseia nas proposições da natureza tríplice do referido sufixo estabelecido por Luiz Carlos de Assis Rocha, e também é elucidada a importância da descrição dos fenômenos linguísticos a partir da utilização de grandes corpora eletrônicos. Os resultados desta pesquisa apontam para a necessidade de analisar o sentido do afixo levando-se em consideração o contexto de uso, e não a palavra fora do contexto de sua utilização, como é comumente feito em abordagens clássicas.

PALAVRAS-CHAVE: Sufixo avaliativo. Morfologia. Linguística de *Corpus*.

ABSTRACT: This work investigates the meanings of the *inho* suffix combined on substantive word-base in Brazilian Portuguese from a perspective that emphasizes the importance of the language in use. Initially, the contributions of the main traditional grammars to this issue are presented. Subsequently, the theoretical foundation is exposed, which is based on the propositions of the natural triple meaning of the suffix established by Luiz Carlos de Assis Rocha, and the importance of describing linguistic phenomena from the use of large electronic corpora is also elucidated. The results of this research point to the need to analyze the meaning of the affix taking into account the context of use and not just the isolated word of its use, as it is commonly done in classical approaches.

KEYWORDS: Evaluative Suffix. Morphology. Corpus Linguistics.

* Doutorando e Mestre em Estudos da Linguagem (PUC-Rio). E-mail: gustavo.c.p@live.com. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-3113-5584>.

1 INTRODUÇÃO

Os sufixos diminutivos têm sido amplamente investigados pelas mais variadas abordagens linguísticas. Por esse motivo, há diferentes conclusões em relação aos sentidos que os afixos possuem e como eles são manifestados na palavra. Nossa tentativa em proporcionar uma contribuição para essa temática se encontra no fato de nos basearmos na língua em uso. Assim, diferentemente de abordagens de cunho gerativo, por exemplo, que investigam a palavra em si mesma, nós realizaremos nossas análises levando em consideração o contexto em que a palavra está sendo inserida.

Em adição, estabelecemos três hipóteses que direcionam nossa investigação. A primeira é a de que o sentido do sufixo diminutivo é avaliativo. Mais especificamente, não é apenas dimensional, mas também exprime uma ideia subjetiva, a qual pode ser de afeto, carinho e também valorativa, cuja manifestação pode ser positiva ou de negação. Além disso, também acreditamos que os elementos (con)textuais são de grande importância para compreender o sentido que está sendo desempenhado pelo sufixo. Por último, mas não menos importante, em decorrência de hipótese anterior, acreditamos que uma mesma palavra não possuirá sempre o mesmo sentido. Dessa forma, por exemplo, a palavra *livrinho* não será sempre afetiva, mas também poderá ter acepção negativa e/ou jocosa, dependendo do contexto em que está sendo utilizada.

Em termos estruturais, este trabalho é organizado em quatro principais divisões. A primeira é a introdução, seção em que são descritas nossas hipóteses, bem como os objetivos que norteiam esta pesquisa. Subsequentemente, no segmento 2, expomos o tratamento do sufixo *inho* viabilizado pelas gramáticas tradicionais de maior prestígio em contexto brasileiro. O segmento 3 é dividido em duas partes. Na primeira, explicamos os fundamentos teóricos em que nos baseamos para a realização de nossas análises. Mais especificamente,

estabelecemos as propostas do linguista Rocha (2008) para o sentido do referido sufixo em conjunto com o ferramental disponibilizado pelos estudos linguísticos com *corpus* para a análise das palavras em contexto de uso. Na segunda parte do segmento, nos detemos em explicar os aspectos metodológicos empregados na pesquisa, bem como a descrição de nosso *corpus* e os procedimentos utilizados para a análise dos itens lexicais.

Ademais, a seção 4 deste trabalho é a análise propriamente dita das palavras que constituem o nosso *corpus*, que foi formado a partir do *corpus* eletrônico NILC de São Carlos, que possui aproximadamente 24 milhões de palavras, formado de textos acadêmicos e jornalísticos. Posteriormente, procedemos para as conclusões de nossa pesquisa e pontuamos as suas potencialidades, bem como as suas debilidades e indicamos como este trabalho pode ser ampliado em pesquisas posteriores.

Por fim, acreditamos que esta pesquisa possui potencial para contribuir, mesmo de que de maneira singela, para a otimização dos estudo de descrição do português brasileiro, uma vez que nossa proposta se baseia na língua em uso e não há, nesta abordagem, tantos trabalhos sobre essa temática como em outros paradigmas linguísticos, tal como o gerativismo.

2 A DESCRIÇÃO DO GRAU DO SUBSTANTIVO NAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS

Inicialmente, Cunha e Cintra (2013, p. 213) se baseiam nos pressupostos da Nomenclatura Gramatical Brasileira e da Nomenclatura Gramatical Portuguesa e compreendem que o grau também é um recurso que pode ser utilizado em palavras substantivas, embora enfatizem que esse recurso seja, prioritariamente, de natureza adjetiva. Em termos de estrutura, eles estabelecem que os

substantivos podem ser utilizados em três graus diferentes: o normal, o aumentativo e o diminutivo.

Nessa perspectiva, é importante notar que, em sua gramática, Cunha e Cintra não determinam de maneira clara se o grau é, antes de tudo, uma questão da flexão ou da derivação. Mais especificamente, o fenômeno da flexão se refere ao sistema, obrigatório, de concordância. Assim, na frase “carros bonitos”, o adjetivo “bonitos” concorda, compulsoriamente, em gênero em número com o substantivo “carros”. A derivação, diferentemente da flexão, é um processo opcional. Dessa maneira, é uma decisão do falante optar derivar, ou não, uma determinada palavra. A fim de tornar essa concepção mais clara, suponha-se os hipotéticos exemplos “camisas bonitas” e “camisas bonitinhas”. Na primeira frase, como visto anteriormente, as concordâncias de gênero, feminino, e de número, plural, são obrigatórias; porém, na segunda frase, o adjetivo “bonitas” foi posto no grau diminutivo a partir da escolha do usuário da língua, o que torna difícil sustentar a afirmação de que o grau seja uma questão de flexão. Todavia, a falta de objetividade do gramático quanto a esse posicionamento dificulta a compreensão de suas proposições sobre este tema.

Em se tratando das acepções de sentido do grau diminutivo, os gramáticos citam Silvia Skorge (1958) e advogam que ele estabelece ideia afetiva, uma vez que o objetivo desse recurso é evitar a objetividade da língua a fim de torná-la mais flexível ou, até mesmo, mais vaga em determinadas situações de usos, porém não viabilizam exemplificações para esses empregos. Adicionalmente, Cunha e Cintra nem mesmo citam a possibilidade de uso do grau diminutivo como pejorativo ou jocoso, como também não há referência ao aspecto dimensional.

Assim como Cunha e Cintra, Bechara (2009) defende a existência da derivação de grau em substantivos. Todavia, diferentemente dos gramáticos citados anteriormente, Bechara se posiciona e estabelece que é um equívoco conceber o grau como flexão em vez de derivação. Além disso, ele apresenta

críticas à Nomenclatura Gramatical Brasileira, alegando categoricamente que o referido documento possui proposições equivocadas quanto a essa problemática, pois nele é determinado que o grau do substantivo é uma propriedade flexional.

A fim de fundamentar suas críticas, Bechara se baseia nos princípios de *Derivatio Naturalis* e *Derivatio Voluntaria* propostos pelo gramático latino Varrão. Em relação à primeira premissa, afirma-se que a flexão é uma imposição requerida pela sintaxe de concordância entre o substantivo e o adjetivo, por exemplo. Dessa forma, não cabe ao falante da língua optar pela flexão ou não, uma vez que esse processo é natural e, em outras palavras, obrigatório. A segunda, no entanto, é voluntária, visto que sua realização não é imposta pela sintaxe, de maneira que é licenciado ao falante a escolha de utilizar ou não o grau aumentativo ou diminutivo.

Em se tratando do sentido, Bechara também alega a dimensão afetiva, com a diferença de também citar a possibilidade de sentido depreciativo no grau diminutivo, e exemplifica essas propriedades com os vocábulos “livreco”, “politicalho”, “padreco” e “coisinha”, que denotam uma acepção pejorativa, ao passo que as palavras “queridinha”, “mãezinha” e “paizinho”, de acordo com o gramático, claramente estabelecem ideia de carinho e afeto.

Em consonância com Bechara, Rocha Lima (2008) também defende que o grau é uma operação derivacional. Especificamente em relação ao grau diminutivo, o estudioso estabelece que o sentido mais frequente é associado a noções de carinho, conforme é possível depreender nas palavras “limpinho”, “bonitinho” e “pequenito”. Embora a ênfase tenha sido posta na dimensão afetiva do grau, o gramático explica que a noção pejorativa também é existente, e exemplifica essa possibilidade por meio dos vocábulos “professoresco”, “livreco” e “casebre”.

Manuel Pinto Ribeiro (2013), assim como Cunha e Cintra, não expõe de maneira clara se o grau seria ou não derivação. Em relação aos sentidos, ele

também defende que os diminutivos são frequentemente detentores de sentido afetivo e, menos usualmente, também podem possuir acepção pejorativa. Além disso, Ribeiro se vale das palavras “poetastro”, “livreco”, “padreco” e “coisinha” para demonstrar a pejoratividade dessa operação gramatical.

Ribeiro também estabelece que há muitos vocábulos que, atualmente, embora sejam grafados em forma diminutiva e/ou aumentativa, não possuem conotação dimensional como nos casos de “cartilha”, “corpete”, “lingueta”, “cartão”, “portão”, “folhinha” (na acepção de calendário) e assim por diante.

3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

3.1 O SUFIXO AVALIATIVO

Rosa (1982) determina que os sufixos de grau, na verdade, deveriam ser considerados como sufixos avaliativos, uma vez que eles carregam, mais frequentemente, acepção subjetiva que propriamente dimensional. Dessa maneira, é possível que o grau do substantivo faça referência ao tamanho, mas essa propriedade, de acordo com a linguista, é bem menos usual. Por esse motivo, Alonso (1967, p. 163) aprimora essa proposição, estabelecendo que

Com relação ao sentido de “diminuição de tamanho”, deve-se acrescentar que, apesar de se adotar uma denominação de diminutivo, esta é, de longe, a sua função menos frequente, tanto na língua escrita como na oral; qualquer inventário convencerá o leitor de que o uso mais abundante do diminutivo é o das funções emocional, representacional e ativa, de que logo falaremos. Quando o sentido central é realmente o de diminuição, costuma-se insistir na ideia de pequenez com outros recursos (*uma casinha pequena, uma coisinha de nada, etc*). É raro, ainda que perfeitamente idiomático, atribuir exclusivamente ao diminutivo a ideia de tamanho reduzido. (ALONSO, 1967, p. 163).

Apesar dessas afirmações que apontam para o grau como um recurso imanentemente emotivo, havia pouca estruturação desses pressupostos. Dessa maneira, Rocha (2008) formaliza esses preceitos e estabelece que os sufixos avaliativos possam ser de natureza tríplice, sendo eles: o subjetivo, o valorativo e o dimensional.

Em relação ao primeiro, o linguista propõe que essa acepção se revela quando o falante demonstra amor, carinho, educação e, até mesmo, não afetividade a um referente específico. Dessa maneira, utilizações como “*Filhinho, vai para a caminha tomar o seu leitinho*”, “Alguém tem uma *canetinha* para me emprestar”, “Dá um *adeusinho* para o seu pai” e “Pode me dar uma *licencinha*?” revelam essa dimensão subjetiva do participante da interação.

Em relação ao sufixo avaliativo valorativo, ele é anexado à base de um item lexical a fim de estabelecer um julgamento de valor, que pode ser tanto positivo como negativo. Caso seja a primeira hipótese, estaremos diante de um sufixo melhorativo, conforme pode ser analisado nos seguintes enunciados: “Este é o timinho do meu coração” ou “Essa mesinha é herança da família”. Todavia, se a avaliação for negativa, o grau em questão será chamado de sufixo pejorativo, o que pode ser entendido em frases como: “Aquela fulaninha não me engana!”, “Esse professorzinho não sabe nada”, “Aquele grupinho só dá problema”.

Por fim, tem-se, ainda, a chamada categoria de “sufixos dimensionais”, os quais realmente fazem referência ao tamanho do item lexical a que se adjungiu o sufixo. Assim, a acepção de tamanho pode ser aumentativa como em: “Você viu o *narigão* daquele homem?” e “Aquele *homenzarrão* me meteu medo”, ou diminutiva conforme em: “Não adianta nada você fazer este *biquinho*!” e “Ele mora naquela *casinha* pequena da esquina”.

Em suma, entendemos que essas propostas são mais adequadas para analisar o fenômeno do grau em língua portuguesa, na medida em que

contemplam nuances importantes que não são abordadas pelas gramáticas tradicionais, de maneira estruturada, disponíveis em contexto brasileiro.

3.2 A LINGUÍSTICA DE CORPUS

De acordo com McEnery (2012), é difícil estabelecer a linguística de corpus como uma abordagem de estudos linguísticos, uma vez que seu objetivo não é lançar teorias sobre a natureza da linguagem, bem como seu funcionamento. Antes, seu principal objetivo é proporcionar uma maneira diferente de coletar dados da língua.

Uma das proposições fundamentais desse paradigma se encontra no papel atribuído à língua em uso na pesquisa linguística. Dessa maneira, Manning (1999) enfatiza a importância do corpus para a análise linguística em detrimento do até então hegemônico método adotado pelo gerativismo, uma vez que a concepção de “falante ideal” despreza os resultados encontrados na realidade do falante real. Além disso, Sampson (2001) endossa a crítica aos postulados da linguística gerativa ao apresentar a falibilidade da introspecção aplicada aos julgamentos de gramaticalidade ou agramaticalidade, já que, por exemplo, em um simples teste gramaticalidade das palavras, determinados falantes podem afirmar veementemente que uma dada palavra é agramatical, ao passo que fazem frequente uso dela em outros momentos de fala. Assim, o linguista põe em xeque os pressupostos mais caros a uma abordagem de estudos linguísticos que desconsidera o uso e se mantém restrita apenas ao mentalismo.

A singularidade dos estudos linguísticos com corpus se deve ao fato de que os dados utilizados são advindos de corpora eletrônicos que possuem milhões de palavras anotadas, ou seja, possuem informações linguísticas atreladas, tais como: número, gênero, classe gramatical, função sintática, entre outros. Além

disso, esses vocábulos podem ser acessados a partir de comandos que são chamados de “sintaxe de busca” (NUNES, 1996a; 1996b).

Finalmente, o principal potencial que é possibilitado por uma pesquisa baseada em grandes corpora eletrônicos se dá pelo fato de que o contexto de uso é registrado. Dessa forma, é licenciado ao pesquisador ter acesso não apenas a uma palavra isolada, mas também à situação em que tal vocábulo foi utilizado, o que certamente proporciona maior acuidade e detalhes para as análises desenvolvidas.

4 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Os dados da pesquisa são constituídos a partir de 30 palavras que foram coletadas a partir dos *corpora* eletrônicos NILC da Universidade de São Paulo, do *campus* São Carlos. É importante enfatizar que esses *corpora* foram constituídos por meio de dados de dissertações dos alunos do programa de pós-graduação em Linguística da referida IES e de matérias jornalísticas da *Folha de São Paulo*, realizadas entre os anos de 1994 e 1995.

Em se tratando da sintaxe de busca, ela é relativamente simples, pois é configurada da seguinte forma: **inho*. Essa construção tem por objetivo procurar qualquer palavra terminada com o referido sufixo avaliativo. É necessário destacar que essa sintaxe possui inconvenientes, pois todas as palavras terminadas em *inho* são listadas na busca, como no caso da palavra *adivinho*, *carinho*, *caminho*, *beijinho* (na acepção de doce), que claramente não possuem nenhum sentido dimensional ou avaliativo. Assim, foi preciso analisar palavra por palavra até que se chegasse aos 30 vocábulos selecionados.

Em relação aos procedimentos de análise, investiga-se o sentido do sufixo avaliativo na perspectiva tríplice proposta por Rocha (2008), conforme explicado

anteriormente. Além disso, é importante destacar que as palavras são analisadas dentro de seu contexto de uso, pois acreditamos que, sem o acesso ao enunciado da utilização, não há como compreender de forma adequada qual acepção está ocorrendo naquela determinada situação.

Justificamos a necessidade do contexto para a compreensão eficaz do sufixo, visto que o método de análise empregado pelos gramáticos, que consiste na observação apenas do vocábulo descontextualizado do uso, mostrou-se potencialmente inapropriado. Bechara (2009), por exemplo, se refere ao vocábulo “queridinha” como um exemplo de afetividade; no entanto, a palavra citada não possui sentido apenas positivo, mas também pode carregar interpretação irônica e/ou jocosa, como no seguinte contexto hipotético: “Grosseria? Comigo não, queridinha!”

Adicionalmente, o recorte de nosso *corpus* possui 30 palavras transparentes que, neste trabalho, são entendidas como vocábulos cuja leitura possibilita, aos usuários da língua, uma interpretação de que essa palavra foi formada a partir de um processo de derivação de grau. Assim, o corpus deste trabalho é constituído por palavras como “trenzinho” e “sapatinho”, uma vez que, respectivamente, elas são resultados das construções *trem + (z)inho* e *sapato + inho*. Como consequência, palavras como “vizinho”, “sobrinho”, “espinho” e semelhantes não se configuram como dados desta pesquisa, visto que, mesmo que sejam terminadas em *inho*, elas claramente não são resultados de um processo em que se adjunge o sufixo *inho* a uma base substantiva ou, pelo menos, não são mais interpretadas dessa maneira pelo falante do português brasileiro contemporâneo.

Por fim, as análises seguem o modelo de investigação proposto em Pereira (2020). Dessa maneira, os vocábulos serão dispostos dentro de seu contexto de uso, e a aferição da acepção será realizada considerando os elementos (con)textuais que circundam a palavra derivada com o sufixo avaliativo.

5 ANÁLISE DAS ACEPÇÕES DO SUFIXO AVALIATIVO

Nesta seção, analisamos as formas diminutivas selecionadas, que são apresentadas dentro dos enunciados em que foram encontradas. A princípio, procedemos a uma análise qualitativa, identificando a(s) interpretação(ões) que o sufixo está interpretando. Em uma seção posterior, será disponibilizado, quantitativamente, a frequência dos sentidos aqui analisados.

- (1) O único meio de transporte está sendo um *trenzinho* que passa pela cidade duas vezes ao dia

Neste contexto, o sufixo possui interpretação dupla. A primeira é *pejorativa*, uma vez que a estrutura “o único meio de transporte” indica a insuficiência de modais para atender às necessidades da população de maneira adequada. Contudo, também há uma contraparte *dimensional*, já que pode estar sendo feita uma referência ao tamanho do transporte.

- (2) Como outros grandes navios, o Meridien dispõe de uma gráfica, onde imprime, diariamente, um *jornalzinho* de oito páginas recebido por fax do “The New York Times” e um outro do diário alemão “Die Welt”, além de resumos noticiosos produzidos em francês e espanhol.

O sufixo é *dimensional*, uma vez que o complemento “oito páginas” confirma a interpretação de que se trata de um jornal de poucas páginas, o que resulta em seu pequeno tamanho.

- (3) O *baixinho* (Romário) é fera dentro e fora de campo.

Neste enunciado, há duas acepções possíveis. A primeira, e a mais provável, é a *dimensional*, pois se refere ao tamanho do jogador. Todavia, também há como

interpretar o sufixo como *subjetivo*, visto que o adjetivo “fera” aponta para contexto de carinho e apreciação pelo desportista em questão. Dessa maneira, é completamente viável afirmar que o sentido ativado dependerá da interpretação do leitor.

- (4) Entrei na lanchonete e paguei antes mesmo de tomar meu tradicional *cafezinho* expresso em Cumbica.

Acreditamos estar diante do sentido *subjetivo* do sufixo, pois o complemento “tomar meu tradicional” pressupõe a realização de um hábito. Por este motivo, o afixo neste contexto estabelece uma ideia de afeto e carinho.

- (5) Mesmo sabendo que a paralisação estava prevista, tinha a esperança de ser atendido na base do *jeitinho*, mas não conseguiu.

O sufixo é valorativo *pejorativo*, na medida em que a construção “mesmo sabendo que a paralisação estava prevista” informa que o indivíduo já possuía ciência de que não haveria atendimento no local. Assim, “jeitinho” seria a tentativa de obter o serviço por meio de uma atitude alheia aos métodos usuais.

- (6) Ela é a primeira loja no Brasil a produzir um *pãozinho* delicioso, de origem judaica, chamado bagel

Neste enunciado, o sufixo é valorativo *melhorativo*, pois o tipo de pão “bagel” não possui dimensões tão pequenas. Além disso, o adjetivo “delicioso” aponta para o reforço do entendimento de que a ideia presente no sufixo é melhorativa.

- (7) Homem senta num bar ao lado de um *velhinho* que lhe parece familiar.

Acreditamos ser o caso de um sufixo *subjetivo*, pois o contexto não viabiliza nenhuma informação de valor dimensional. Além disso, Brown & Levinson (1987) explicam que o diminutivo pode atuar como um dispositivo de polidez, o que pode ser o caso nesta ocorrência. Dessa forma, o sufixo está estabelecendo uma ideia de proximidade, o que também pode ser percebido a partir da construção “lhe parece familiar”.

- (8) “Essa playboyzada me agride porque sou muito diferente do *mundinho* deles, uma ignorância”, disse.

O sufixo neste contexto é valorativo *pejorativo*, pois o termo “*mudinho*” é utilizado para se referir a uma visão de mundo limitada, o que pode ser afirmado a partir do uso da construção “me agride porque sou muito diferente”. Assim, não há dúvidas de que o sentido do sufixo neste enunciado seja negativo.

- (9) Se o professor não interfere, o aluno tem que se defender sozinho quando é chamado de “*macaco*” ou “*neguinho*”.

O sufixo é valorativo pejorativo: o complemento “o aluno tem que se defender sozinho quando [...]” pressupõe que o vocábulo “*neguinho*” é ofensivo, além de estabelecer paralelo com a palavra “*macaco*”. Assim, evidencia-se a ideia negativa presente no item lexical utilizado neste contexto. Além disso, a próprio ato de comparar um aluno negro com um macaco revela a existência de concepções racistas compartilhadas na cognição social (VAN DIJK, 2008), o que reforça a nociva e prejudicial noção, amplamente difundida, porém não declarada, de que há corpos humanos mais importantes que outros (BUTLER, 2011 [1993]).

- (10) Foi só Sônia Braga desembarcar aqui por perto para voltar a ser chamada de velha, sua sanidade mental ser posta em dúvida e provocar um ar de desdém nos saudosos do *corpinho* de Dona Flor.

A ideia presente no sufixo é a valorativa *melhorativa*, pois o termo “saudosos” e o complemento “de Dona Flor” apontam para a interpretação de uma avaliação positiva do corpo da atriz Sônia Braga, quando esta era jovem. No entanto, é importante enfatizar que, nos termos de Melo & Moita Lopes (2015), tais elogios são, na verdade, a demonstração de machismo em uma cultura de objetificação do corpo feminino.

(11) Um *dinheirinho* a mais pode vir a engordar o orçamento mensal dos professores da rede estadual de ensino do Rio.

O sentido ativado é valorativo *melhorativo*, uma vez que o vocábulo “dinheirinho” exprime uma ideia positiva, pois seria um reforço a mais na renda dos professores da rede pública de ensino.

(12) Vaidoso, cuidava do *bigodinho* com cuidado.

O sufixo, nesta ocorrência, é *dimensional*, já que há clara referência ao pequeno tamanho do bigode. Todavia, a noção *subjativa* também não é completamente descartada, pois a partir da estrutura “cuidada [...] com carinho”, há uma possibilidade de acessar, ainda que secundariamente, uma ideia subjativa.

(13) Na cozinha, Rosemary teve a companhia da filha, Jennifer, 20, de uma amiga da filha, Becky Owens, 20, e de uma amiga de trabalho, Lisa Bowen, 30, que ainda levou o *filhinho*, Christopher, 3.

Neste contexto, há duas possibilidades de interpretação. A primeira, e a mais provável, é de que o sufixo seria *dimensional*, uma vez que a idade da criança é de 3 anos, logo trata-se de uma pequena criança. Porém, não se pode descartar

que o sufixo também esteja exprimindo, ainda que em segundo plano, uma noção de afeto, o que resultaria em um sufixo *subjetivo*.

- (14) Como a menininha que tateia a água com o *dedinho* do pé, perguntando: “estará quente?”, você nela mergulha um dedo, que retira rapidamente, e pergunta: “será que ela tem sentido?”

O sufixo possui sentido *dimensional*, pois o complemento “menininha” se refere a uma criança pequena e, conseqüentemente, possui dedos pequenos. Assim, acreditamos que essa seja a interpretação mais provável; no entanto, alguns leitores podem compreender que este excerto também possa licenciar uma leitura afetiva.

- (15) Nem com um jogador a mais, o técnico Parreira arriscou colocar um atacante para dividir com Romário e Bebeto a tarefa de fazer o *golzinho* salvador.

O sufixo é valorativo *melhorativo*, visto que o termo determinante “salvador” qualifica positivamente o vocábulo “golzinho”. Dessa forma, as outras possibilidades de interpretação são significativamente reduzidas.

- (16) Esta coluna, então, é dedicada a Xuxa e Zé, o *cãozinho* yorkshire com quem a modelo e manequim divide sua cama king size.

Nesta ocorrência, o sufixo provavelmente é *dimensional*, uma vez que a ração de cachorro “yorkshire” é de pequeno porte. Assim, prioriza-se a leitura de que o enunciado realmente está fazendo referência ao tamanho do animal. Porém, é interessante notar que a menção da raça “yorkshire” pode evocar o conceito, na mente do falante (SAUSSURE (2012 [1916])), de um “cãozinho fofo”, o que poderia inferir uma acepção afetiva. Porém, uma vez que a cognição, embora

partilhe informações gerais no âmbito da sociedade, também possui um caráter individual (LANGACKER, 2008), deliberamos por uma interpretação de cunho dimensional.

(17) Sobre uma placa que anuncia “Desvio a 1 km”, um *engraçadinho* acrescentou um zero, adiando o desvio para dali a dez quilômetros.

O termo “engraçadinho”, neste contexto, possui o sufixo valorativo *pejorativo*, uma vez que está sendo utilizado para se referir negativamente ao indivíduo que avariou a placa de sinalização de trânsito.

(18) Para vasculhar toda a área, só dispõe de quatro guardas da polícia florestal trabalhando em esquema de ronda, um *barquinho* e um jipe.

O sufixo é *dimensional*, visto que o contexto de uso dificulta uma interpretação do sufixo como subjetivo. Todavia, analisando a partir de um contexto mais amplo, pode-se pensar também na possibilidade de que o afixo esteja desempenhando uma ideia valorativa *pejorativa*, pois a estrutura “para vasculhar toda a área” e “só dispõe de quatro guardas da polícia florestal” sugerem que os insumos humanos e materiais não são suficientemente adequados para dar conta de cobrir, de maneira satisfatória, a área determinada.

(19) Quando eu era *garotinho* e *magrinho*, as mulheres saíam correndo de mim.

No vocábulo “garotinho”, há uma ideia *dimensional*, por se referir ao pequeno tamanho do rapaz em sua infância. No item lexical “magrinho”, o sufixo passa a possuir valor *pejorativo*, uma vez que esta palavra é empregada negativamente. Além disso, essa interpretação é reforçada a partir do

complemento “as mulheres saíam correndo de mim”. Entretanto, é difícil afirmar se as ideias expressas por esses diminutivos podem ser interpretadas distintamente, já que estão no mesmo contexto de uso.

- (20) O candidato do PSDB à Presidência, senador Fernando Henrique Cardoso (SP), comprou briga com as entidades que defendem a causa negra no Brasil, ao afirmar que era “*mulatinho*” e tinha “um pé na cozinha”.

O sufixo possui interpretação dupla. A primeira seria *subjetiva*, uma vez que o candidato FHC utilizou-se do termo “mulatinho” de maneira afetiva, objetivando, aparentemente, aproximar sua candidatura do eleitorado popular. Contudo, o complemento “ter um pé na cozinha” ativa prioritariamente a ideia valorativa *pejorativa*, uma vez que pode-se estabelecer uma ligação, por meio do conhecimento enciclopédico (CROFT & CRUSE, 2004), com o período da escravidão a que negros e mulatos foram submetidos. Assim, ambas as interpretações ocorrem no contexto simultaneamente e serão selecionadas prioritariamente de acordo com a leitura do falante.

- (21) Os bons sushimans costumam prestar atenção no tamanho da boca do cliente para fazer o *bolinho* sob medida.

Neste contexto, o sufixo é *dimensional*, visto que o bolinho feito pelos sushimans deve possuir medidas semelhantes à da boca humana. Por isso, há clara evidência de que se trata de um bolinho de pequenas dimensões.

- (22) Ao longo dos 150 capítulos, que serão exibidos de segunda a sexta, a trama vai abordar o “*affair ecológico*” entre a heroína Luísa e seu *namoradinho* de adolescência.

O sufixo é *subjetivo*, pois o complemento “heroína Luísa” estabelece uma proximidade com a personagem. Além disso, a estrutura “de adolescência” reforça a ideia de carinho, de maneira que o sufixo em questão mantenha as ideias estabelecidas anteriormente.

- (23) O *macaquinho* de apenas meio quilo, primo menos famoso do mico-leão dourado, é o ás na manga dos que lutam para salvar o que sobrou da mata atlântica na região de Una.

Nesta ocorrência, acreditamos que estamos diante de um sufixo *dimensional*, uma vez que o animal em questão possui apenas “meio quilo”, o que enfatizaria que seu tamanho é pequeno. Por isso, acreditamos que o afixo esteja fazendo referência, prioritariamente, ao tamanho deste tipo de primata.

- (24) Agência de babás e *hotelzinho* para crianças são opção para “esquecer” os filhos por algumas horas.

Acreditamos estar diante de um sufixo *dimensional*, pois é um hotel desenvolvido para “crianças”, logo sua estrutura provavelmente será pequena quando comparada à dos hotéis convencionais.

- (25) Estava *gordinho* e as meninas preferem os magros.

O sufixo é valorativo *pejorativo*. Justificamos essa afirmação, pois a palavra “gordinho” é usada negativamente, o que pode ser comprovado a partir da estrutura “as meninas preferem os magros”.

- (26) Mas o desprestígio dos moços é tanto que o próprio material de divulgação do festival, distribuído à imprensa, os descreve como “machos musculosos e cabeludos que usam batom, fazem *biquinho*,

armam os cabelos nos melhores salões de beleza da cidade e rebolam em calças de couro apertadas”.

Neste contexto, há duas possibilidades de interpretação. A primeira, e mais provável, é a de que o sufixo é avaliativo *pejorativo*. Justificamos essa afirmação, uma vez que o enunciado disponibiliza, de maneira jocosa, uma série de comportamentos supostamente inadequados para homens, tais como: “usar batom, armar cabelos nos melhores salões de beleza e rebolar em calças de couro apertadas”. Todavia, o termo “biquinho” também pode ser *dimensional*, ainda que em segundo plano, pois está fazendo referência ao ato de formar um pequeno bico com os lábios.

(27) Alguns destes comerciais achando-se muito inteirados acabam caindo no estereótipo de maneira ridícula: afinal, não basta um *lencinho* amarrado na cabeça, uma prancha de baixo do braço e três ou quatro gírias no texto para ser um jovem.

O sufixo é *dimensional*, visto que o termo “lencinho” faz referência apenas ao tamanho do lenço que é utilizado, normalmente na cabeça, pelos indivíduos mais jovens.

(28) Vestir a camisa da ecologia ficou tão fácil com a Internet que a tentação de enviar uma carta às autoridades canadenses pedindo embargo ao petróleo nigeriano ou de adotar um *pedacinho* da Amazônia se tornou irresistível.

O sufixo é *subjetivo*: o termo “pedacinho” é utilizado de maneira afetiva e estabelece uma relação de carinho, uma vez que não seria possível adotar um pequeno pedaço de terra da Amazônia de maneira literal, o que anula uma interpretação exclusivamente dimensional.

(29) Mal a bola rolou, ele sacou o *radinho* da bolsa e colou o ouvido esquerdo nele.

Nesta utilização, sufixo é *dimensional*, pois há referência clara ao pequeno tamanho do rádio, uma vez que ele estava na bolsa do homem e foi possível pô-lo junto ao ouvido esquerdo.

(30) Resumo da ópera: a nova Copacabana tem muito *banquinho* de cimento, muito abrigo de ônibus, muita calçada larga e mal acabada, mas pouquíssimas árvores.

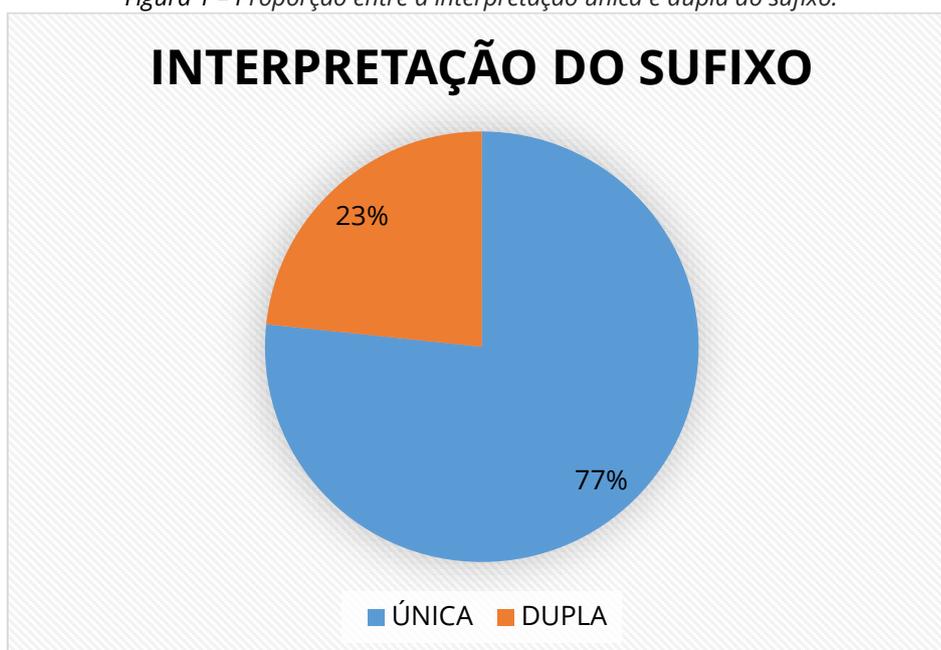
O sufixo é *dimensional*, uma vez que há clara referência ao tamanho dos bancos encontrados no bairro de Copacabana. Dessa forma, não há, de maneira clara, como estabelecer outras interpretações.

6 DETALHAMENTO DOS RESULTADOS OBTIDOS

A partir da análise das palavras em contexto, é possível perceber que um mesmo vocábulo pode possuir mais de uma interpretação, o que confirma nossa hipótese inicial de que a investigação da palavra fora de seu enunciado de utilização não consegue dar conta da multiplicidade de sentidos presentes no sufixo em uma situação de uso.

A fim de proceder à análise dos dados em termos quantitativos, decidimos separar essa representação entre sufixos com interpretação única e dupla para, posteriormente, elencar a frequência de uso dos sentidos evocados pelos elementos (con)textuais.

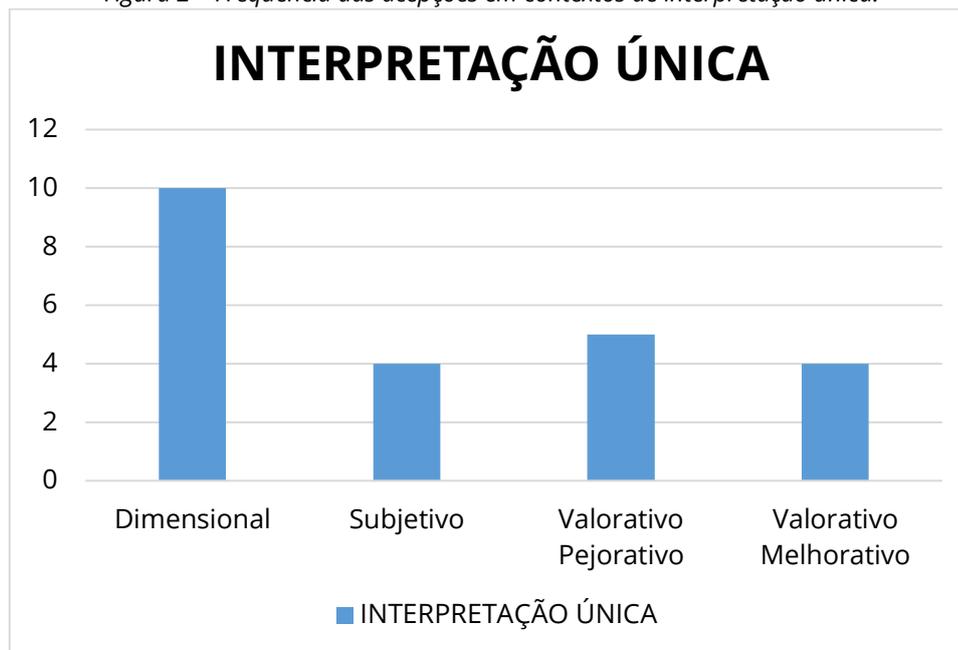
Figura 1 – Proporção entre a interpretação única e dupla do sufixo.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Em relação à interpretação do sufixo, das 30 palavras investigadas neste *corpus*, 23 apresentam uma interpretação única, totalizando 77% das ocorrências. Todavia, também houve ocorrência de palavras que possuíam interpretação dupla. Dessa forma, disponibilizamos as porcentagens dos resultados obtidos mais detalhadamente, a começar pelas palavras cujo sufixo é interpretado a partir de uma possibilidade única.

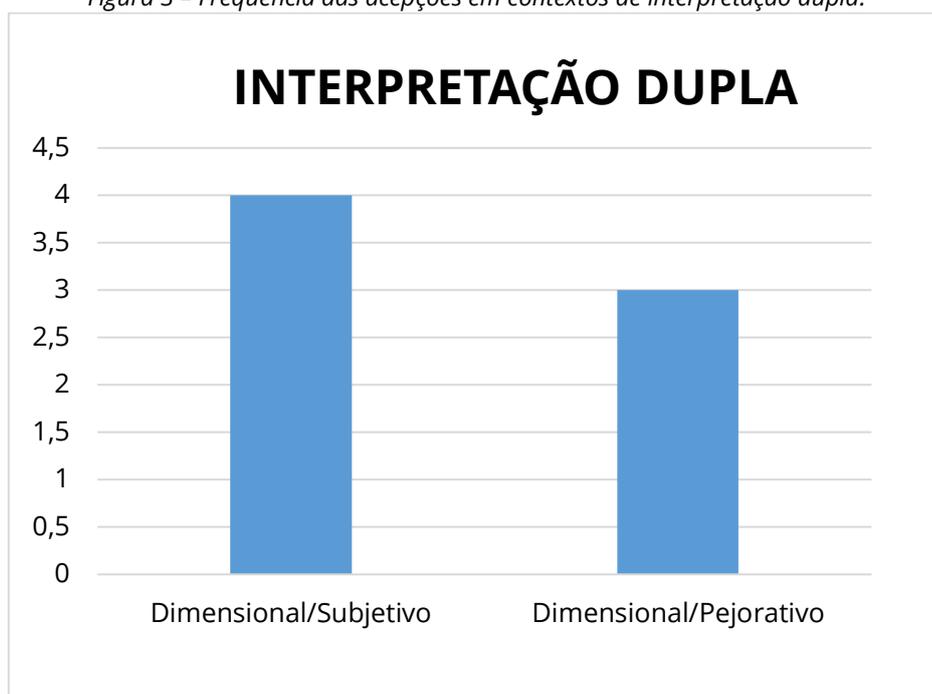
Figura 2 – Frequência das acepções em contextos de interpretação única.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Conforme visto anteriormente, o *corpus* possui 23 palavras de interpretação única, das quais 10 são de sentido dimensional, o que representa um total de 43,77% de uso. Em segundo lugar, a interpretação valorativa pejorativa é encontrada em 5 palavras, totalizando 21,73% dos usos. Tanto o sentido subjetivo quanto melhorativo possui o mesmo número de ocorrência, 4, representando 17,40% cada.

Figura 3 – Frequência das acepções em contextos de interpretação dupla.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Em relação aos casos de interpretação dupla, encontramos dois pares de possibilidade. O primeiro é *Dimensional/Subjetivo* e possui 4 ocorrências em 7, representando 57,15% dos usos. O segundo par é formado pelos sentidos *Dimensional/Pejorativo* e figurou em 3 das 7 ocorrências, o que representa 42,85% das frequências de utilizações.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, pudemos analisar brevemente as principais discussões sobre o sufixo *inho* nas gramáticas normativas tradicionais. Nessas obras, o afixo é nomeado de *sufixo diminutivo*. Destacamos que os gramáticos tradicionais, em sua maioria, postulam que o sufixo possui função modalizadora, mas não fazem qualquer menção ao contexto de uso, além disso suas análises são desenvolvidas sem a consideração de aspectos pragmáticos e apenas com base na palavra em si mesma.

Afastando-nos da abordagem tradicional, entendemos que os sufixos, até então cunhados de *diminutivos*, são, na verdade, avaliativos, uma vez que carregam sentidos que podem atuar positiva ou negativamente sobre a palavra base a que se adjungem, de forma que não há sentido, dessa forma, em chamá-los de “sufixos diminutivos” (ROCHA, 2008).

Tivemos por objetivo central analisar substantivos derivados a partir do sufixo avaliativo *inho*, levando em consideração os elementos (con)textuais que circundam o vocábulo. Dessa maneira, entendemos que o sentido do sufixo não é autônomo, já que é acionado a partir das relações que estabelece com outros termos presentes no contexto. Dessa forma, pudemos constatar que, de fato, os elementos presentes no enunciado possuem grande impacto sobre a interpretação do sufixo.

Em relação aos resultados quantitativos apreciados neste trabalho, eles apontam para duas reflexões importantes. A primeira coloca em xeque a validade da tentativa de olhar apenas para os dados que são mais comuns, gerais e estáveis, uma vez que, ao observar os casos do sufixo com interpretação única, foi possível notar que a acepção dimensional é a mais frequente, totalizando 10 dos 23 usos registrados; todavia, se nos atermos para as outras três acepções, notar-se-á que elas somam 13 dos 23 usos. Assim, observar, descontextualizadamente, o número de usos dessas acepções pode proporcionar um entendimento equivocado de que há, de fato, um único sentido frequente e os demais são meros casos desviantes ou idiossincrasias.

A segunda reflexão que os dados quantitativos deste trabalho pode proporcionar é o fato de que a acepção dimensional, muito provavelmente, seria o sentido mais frequente por ser um domínio básico (LANGACKER, 1991). De maneira mais clara, partimos do pressuposto de que nossos usos linguísticos originam-se e derivam-se a partir de nossas experiências corpóreas (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980]). Nesse sentido, da noção dimensional, constituem-se as

demais extensões de sentidos. Dessa maneira, a noção de “tamanho pequeno” tanto pode proporcionar uma ideia afetiva como em “filhinho” e “paizinho” ou, a depender do contexto de uso, acepções depreciativas como nas palavras “professorzinho” e “empreguinho”. Assim, esses números puderam tornar mais evidente a tendência de que linguagem parte do domínio físico para o abstrato e não o contrário (BASÍLIO, 2010).

Em adição, salientamos que, para trabalhos futuros, revela-se proveitoso analisar se/como o sentido da palavra base também influencia na acepção do sufixo. Dessa forma, é possível que a acepção do afixo não seja aleatória, mas previsível, a depender não só do contexto de uso, mas também da formação do vocábulo. Assim, poder-se-ia investigar a existência ou não de polissemia sistemática nesse tipo de construção de item lexical.

Acreditamos que esta investigação possui o potencial de proporcionar maior reflexão sobre outra alternativa de ensino dos sufixos avaliativos até mesmo em contextos de educação básica, o que certamente teria consequência nos livros didáticos, uma vez que seria necessário reformular a maneira como se concebe e se explicam os sufixos avaliativos e abandonar, provavelmente, a nomenclatura reducionista *sufixo diminutivo* e *sufixo aumentativo*.

Por fim, a adoção dessas propostas em sala de aula corrobora o pressuposto defendido pelo linguista Mário Perini (2014; 2016) ao entender que o aprendizado e a investigação da gramática na escola deva, acima de tudo, atuar como elemento que visa ao fortalecimento das capacidades investigativas, científicas, bem como o estabelecimento de hipóteses por meio da observação dos fatos da língua em uso. Nesse sentido, também pensamos que o fato de encorajar estudantes da educação básica a extrair dados a partir de grandes *corpora* eletrônicos poderá fomentar sua familiarização com outras formas de geração de dados ainda não muito convencionais em contexto brasileiro, bem como aproximar o estudante para analisar a língua em contextos reais de uso,

provendo-lhes, assim, não somente de métodos demasiadamente introspectivos ou textos descontextualizados e cuja variante não lhes é familiar.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Amado. **Noción, emoción, acción y fantasía em los diminutivos**. Estudios Linguisticos: temas españoles. 3. ed. Madri: Gredos, 1967.

BASÍLIO, M. Abordagem gerativa e abordagem cognitiva na formação de palavras: considerações preliminares. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 6, 2010.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

BROWN, P.; LEVINSON, S. **Politeness: Som universals in language usage**. Cambridge University Press, 1987.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter**. On the Discursive Limits of "Sex". New York: Routledge, 2011 [1993].

CROFT, W.; CRUSE, A. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, C. & CINTRA, L. **Gramática do português contemporâneo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercado de Letras/ Educ, 2002 [1980].

LANGACKER, L. **Cognitive grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LANGACKER, L. **Concept, image and symbol: the cognitive basis of grammar**. New York: Mouton de Gruyter, 1991.

MANNING, C., D. **Foundations of Statistical Natural Language Processing**. Massachusetts: The MIT Press, 1999.

McENERY, T. & HARDIE, A. **Corpus linguistics: method, theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

MELO, G. C. V. de; LOPES, L. P. da M. "Você é uma morena muito bonita": a trajetória textual de um elogio que fere. **Trab. Linguist. Apl.**, Campinas, v. 54, n. 1, p. 53-78, Junho de 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132015000100053&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 fev. 2020.

NUNES *et al.* "a Construção de um léxico para o português do Brasil: Lições aprendidas e perspectivas". In: **Anais do II Encontro para o processamento do português escrito e falado** (Curitiba, PR, 21-22 de outubro de 1996a), Curitiba: CEFET-PR, p. 61-70.

NUNES *et al.* "Desenvolvimento de um sistema de revisão gramatical automática para o português do Brasil". In: **Anais do II Encontro para o processamento do português escrito e falado** (Curitiba, PR, 21-22 de outubro de 1996b), Curitiba: CEFET-PR, p. 71-80.

PEREIRA, C. G. C. **Polissemia do prefixo "des-" em substantivos de ação no Português Brasileiro: uma análise da língua em uso**. 2020. 91 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Departamento de Letras, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2020.

PERINI, M. Defino minha obra gramatical como a tentativa de encontrar respostas às perguntas: por que ensinar gramática? Que gramática ensinar? In: NEVES, M. H. M & CASSEB-GALVÃO, V. C. (org.) **Gramáticas contemporâneas do português: com a palavra os autores**. São Paulo: Parábola, 2014.

PERINI, M. **Gramática descritiva do Português Brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 2016.

RIBEIRO, M. P. **Gramática Aplicada da Língua Portuguesa**. 22. ed. Rio de Janeiro: Metáfora, 2013.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 47. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

ROCHA, L. C. **Estruturas Morfológicas do Português**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ROSA, M. C. A. P. **Formação de nomes aumentativos**: a produtividade de alguns sufixos portugueses. 1982. 85f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 1982.

SAMPSON, G. **Empirical Linguistics**. London: Continuum, 2001.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. 28. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2012 [1916].

SKORGE, S. Os sufixos diminutivos em português, **Boletim de Filologia**, 17, pp. 2053, 1958.

VAN DIJK, T. **Racismo e discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2008.

Recebido em: 10/09/2020

Aprovado em: 08/12/2020